

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦσθαι
ἠέτι βούλομαι ἵνα ἡμετέρας πόλεις
ΜΗΝΙΝ Αἰίδα θεᾶ Πηνελόπειαν

FORAM OS HITITAS HENOTEÍSTAS? A PALAVRA *Šiu* NO CONTEXTO DO HITITA DO ANTIGO REINO

ANTÓNIO JOSÉ GONÇALVES DE FREITAS

Universidade do Minho
antonio.defreitas@googlemail.com

Resumo

Este trabalho tem como objectivo analisar o contexto, o referente e o objecto associado à palavra hitita *Šiu*, cujo significado primordial faz etimologicamente referência à palavra do proto-indo-europeu **dyeu*. Apresento o ponto da situação e ofereço um esboço duma solução alternativa aos problemas que derivam da leitura desta antiquíssima palavra hitita, ao mostrar eventuais indícios de um possível henoteísmo no período do hitita antigo.

Abstract

This paper aims to analyze the context, the referent and the object associated with the word Hittite *Šiu*, whose primary meaning is etymologically **dyeu*, making reference to the Proto-Indo-European. I analyze the state of the matter and I provide an outline of an alternative solution to the problems that rise from the reading of that ancient Hittite word. That alternative solution seems to be consistent with the hypothesis of a henotheism.

O texto conhecido como *Proclamação de Anitta*¹, é um dos mais antigos documentos escrito na língua hitita. O texto relata a gesta de Anitta, filho de Pithana, rei de Kanesh, na sua conquista de Hattusa, a fundação do reino e a sua proclamação como rei de Hatti. É o primeiro

documento histórico hitita, do qual preservamos uma cópia da época do Antigo Reino e outras cópias posteriores.

Do ponto de vista linguístico, o texto apresenta particularidades da língua hitita antiga, tais como a presença do ergativo, o uso do caso absoluto ou caso zero² e do directivo. Entre essas particularidades aparece também a palavra ^d*S-i-us-mi-is*³ e ^d*S-i-us-su-mi-is* que não é encontrada em nenhum outro texto conhecido até agora. Esta palavra é composta pela palavra ^d*S-i-u* e a forma enclítica do possessivo da primeira pessoa do plural, *-smi-is*, e acompanhada também pela forma enclítica do possessivo da terceira pessoa do plural *-su-mi-is*, no caso nominativo. A outra particularidade é aparecer precedida pelo determinativo sumério DINGIR (^d) que corresponde ao acádico *Ilum*, que em geral mostra a característica divina do nome ou coisa ao qual está aposto. Uma particularidade que junto com as características arcaicas da língua hitita mostra a sua antiguidade é o uso no começo do documento da palavra *qibima*, imperativo da segunda pessoa do singular do verbo acádico *qabu*.

A palavra *Šiu* é de origem indo-europeia, claramente derivada do proto-indo-europeu **dyeu* e seu significado é deus, pertencendo ao género comum. A sua origem comum com o grego Ζεύς é aceite sem nenhuma hesitação.⁴ No *Hittite Inherited Lexikon*⁵, ao comparar a sua etimologia com outras línguas anatólicas, mostra-se a sua pertença clara a um ramo da dialectologia anatólica na qual se incluem o palaico. Em palaico a palavra para deus é *tiuna-* (género comum) sendo seu nominativo singular *ti-ú-na-as*. Ao mesmo ramo dialectal pertence o lídio, onde a palavra equivalente, também do género comum, é *ciw-*, atestada no nominativo singular *ciws*, no acusativo singular *ciwv* e no dativo-locativo plural *ciwav*. Todas têm a sua origem no proto-indo-europeu **dyeu*.

Portanto, não há problema em reconhecer o significado de *Šiu*, e temos evidências suficientes para sabermos que significa deus. Sim, temos outros problemas, consequências do contexto. Os problemas são: A que deus está-se a fazer referência? Refere-se a um deus em particular o ao conceito de deus? Caso não faça referência a um deus em particular, é o genérico para qualquer deus? As duas alternativas presentes nas perguntas propostas são aquelas discutidas na literatura e recolhidas no artigo de A. Gilan⁶ sobre *Šiu* em *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasischen Archäologie*. Antes de continuar a discussão, transcrevo as linhas relevantes do texto Proclamação de Anitta⁷, baseando a sua transliteração na edição de Neu, sendo a tradução portuguesa minha.

38. *ut-ne-e hu-u-ma-ân-da* URU *Za-âl-pu-az an-da a-ru-na- àz* [
Todos os países de Zalpuwa, no mar...
39. *ka-ru-ú* ^m*U-uh-na-aš* LUGAL URU *Za-a-âl-pu-wa* ^D*Ši-u-m šum*
[i-in]
Uḫna tempos atrás, rei de Zalpuwa teve (a estátua) do nosso
^dSiu
40. [UR] ^U*Ne-es-ša-az* URU *Za-a-al-pu-wa pé-e-d* [a-aš]
sequestrado em Nesa a (levou-a) Zalpuwa,
41. [ap-pé-]ez-zi-ya-na ^m*A-ni-it-ta-aš* LUGAL.GAL ^D *Ši-ú-su* [*m*
(*mi - in*)]
[...] ... mas eu Anitta, Grande Rei, trouxe, (a estátua) do nosso
^dSiu
42. [(U)RUZ] *a-a-al-pu-wa-az a-ap-pa* URU *Ne-e-ša pé-e* [-*tah-hu-un*]
de [Z]alpuwa regresso a Nesa.
43. [^mHu]-uz-zi-ya-na LUGAL URU *Za-a-al-p* [*u-wa*] *hu-š*
[*u-wa-an-ta-an*]
todavia Ḫuzziya rei de Zalpuwa, eu trouxe-a [...]
44. [U]R ^U*Ne-e-ša ú-wa-te-nu-un* URU *Ha-at-tu-ša- x x* [
para Nesa. A cidade de Hattusa [
45. [ta]k?-ki-iš-ta *ša-an ta-a-la-ah-hu-un ma-a-na-aš* []
[...] ... [...]. Eu obtive-a. Quando eles (a cidade)
46. *ap-pé-ez-zi-ya-na ki-iš-ta-an-zi-at-ta ša-an* ^D *Hal-ma-š* [*u-it-ti*]
mas a seguir ficaram famintos, eles deram ao meu ^dSiu
47. ^D*Ši-i-uš-mi-iš pa-ra-a pa-iš ša-an iš-pa-an-di*
o trono da deusa Ḫalmašuit, e à noite
48. *na-ak-ki-it da-a-ah-hu-un pé-e-di-iš-ši-ma* ZÀ.AḪ.LI-an *a-ni-*
e-[nu-un]
tomei-a pela força, e em seu lugar semeei erva daninha
49. *ku-iš am-me-el a-ap-pa-an* LUGAL-*us ki-i-ša-r[i]*
Aquele que seja rei de Hattusa depois de mim
50. *nu* URU *Ha-at-tu-ša-an a-ap-pa a-ša-a-š* [i]
e volte a repovoá-la,

51. *na-an ne-pí-ša-aš* ^DISKUR-aš *ha-az- zi-e-e[t-tu]*
que o deus da tormenta o esmague!
52. URU *Ša-la-ti-wa-ra me-e-ni-i=m-me-et ne-e-eh-e-[hu-un]*
Voltei a minha cara para a cidade de Šalatiuwara.
53. URU *Ša-la-ti-wa-ra me-e-na-ah-ha-an-da* ^GIŠtu- u? - x [-
A cidade, no entanto, movimentou sua tropas fora dela (de
Šalatiwara)
54. [URU-ri-a] z ^ÉIRINMEŠ - ŠU *hu-et-ti-ya-ti ša-an* URU *Ne-e-š* [
(a *pe-e-hu-t*) e-nu-un]
Vim e levei-os para Nesa.
55. *nu* URU *Ne-e- ši* URU ^DIDLI *ú-e-te-nu-un* URU-*ya-an a-a[p(-pa)]*
Nesa e eu fortificamos a cidade. Após a anexação da cidade
56. *ne-pí-ša-aš* ^DIŠKUR-na-aš ^É-ir ^ÚÉ ^DŠi-u [-*na-su (m-mi- i-n*
AB-NI)
Construí um templo para o deus da tormenta dos céus e um
templo para o nosso ^dSiu.
57. ^É ^DHal-ma-šu-it-ta-aš ^É ^DIŠKUR-na-aš [(*BE-LI-YA Ú É* ^DŠi-u-
na-sum-mi-iš AB-NI)
Um templo para Ḫalmašuit, um templo para o deus da tormenta,
meu senhor, e um templo para o nosso ^dSiu construí.
58. KASKAL-*za ku-it a-aš-šu ú-tah-h* [*u-un (a-pe-e-da-an-da*
ha-liš-ši-ya-nu-un)]

Como é sabido, a língua hitita, seguindo a tradição acádica, utiliza o determinativo sumério DINGIR⁸ antes dos nomes dos deuses ou dos objectos deificados para indicar o seu carácter divino. Isto levanta um problema: se a palavra *Šiu* significa deus, porque apôs-se a esta o determinativo DINGIR? A resposta mais imediata para isto é que *Šiu* é o nome de um deus, como no caso do grego Zeus, e portanto pede o uso do determinativo. Mas, o hipotético deus *Šiu* não é parte do panteão hitita, pelo menos não temos notícia nesse sentido, já que para além do texto de Anitta a palavra *Šiu* não é usada mais. Portanto, é possível que a palavra faça referência a outra divindade. Tal como Gillan⁹ afirma, Hrozny e outros investigadores, no início da hititologia, consideraram que *Šiu* era o nome de um deus em particular. Se assim fosse, o passo a seguir é

determinar de qual deus ou objecto deificado estamos a falar; mas isso não é simples, porque num caso a palavra em questão é ^d*Siusumi* (nosso *Šiu*) e a outra é ^d*Siusmi* (o *Šiu* deles), multiplicando o problema.

Para dar solução a esse problema, nos anos 70 de século passado, Neu¹⁰ na sua edição da *Proclamação de Anitta* identifica *Šiu* com o deus solar, grafado como ^dUTU. O seu argumento baseia-se em que a palavra *Šiu* manteve a ligação ao significado original indo-europeu **dyeu*, que representa o deus da luz do céu ou a luz do céu deificada¹¹, que será logo substituída pela forma hatiana do deus solar, *Estan*, e posteriormente «hiti-tizado» como *Istanu**. A interpretação de Neu foi secundada por Carruba¹² e Tischler¹³. Posteriormente Starke¹⁴, identificou *Šiu* com a deificação do trono, *Halmasuit**. A seguir à proposta de Starke, Singer¹⁵ propôs o que podemos dizer, uma solução salomónica. Para Singer, a referência a *Šiu* como nosso deus, ^d*Siusummin*, aparece associado à estatua que foi trazida de volta a Nesa, por Anitta desde Zalpuwa¹⁶, lugar para onde tinha sido levada por Uhna. Para isso Singer, na linha 46, em lugar da reconstrução de *Halmasuit** como ^d*Hal-ma-š [u-it-ti]*, que corresponde ao dativo, colocando o trono deificado como objecto indirecto da oração, prefere a reconstrução *Hal-ma-s[u-i-iz]*, o que colocaria *Halmasuit** como sujeito da oração, e nesse caso devíamos ler: «Mas, quando isto (Hattusa) [...] subseqüentemente teve a praga da fome, *Halmasuit*, "o deus deles", rendeu-a (a mim) e tomei-a à noite, tempestivamente». O problema que eu encontro nesta reconstrução é que parece apontar para que *Šiu* fosse um deus venerado por Anitta. Mas sabemos que Anitta e Pithana, seu pai, são nomes não indo-europeus. Como explicar que um rei invasor não indo-europeu tivesse a preocupação de recuperar a estátua de um deus indo-europeu para estabelecer-se numa cidade não indo-europeia e chamar a este deus «nosso deus». Essa consequência apresenta-se-me mais complexa de explicar do que supor que *Šiu* era deus dos hatianos, razão pela qual Anitta trouxe de volta a sua estatua e declarou-se seu venerador ao chamá-lo «nosso deus». E assim com essa afirmação, Anitta justificava a sua «realeza», como se por acção de *Šiu* tivesse direito a sentar-se no trono sagrado.

Finalmente, seguindo a Singer, Kryszat¹⁷ sugere que ^d*Siusummin* deve ser identificado com Anna, deidade principal de Kanesh (Nesa). O problema que se enfrenta aqui é que essa deidade hatiana tem sido escassamente documentada, e ainda que propõem uma outra hipótese, em lugar de esclarecer, complica mais o assunto.

Finalmente, sem querer oferecer uma análise completamente diferente do problema sobre a semântica de ^d*Siu*, tenho sim várias perguntas que se dirigem para uma outra possível explicação.

Em primeiro lugar, ter-se-ia de explicar o porque do uso do determinativo sumério aposto à palavra hitita *Šiu*, tendo em consideração que não há dúvidas sobre a derivação etimológica de *Šiu*, o seu significado é deus, i.e., porque adicionar o determinativo de deidade a uma palavra que significa deus? Uma explicação seria o aceitar que a palavra em questão perdeu o seu significado ou que este foi esquecido, e que esta palavra passou a significar o nome de um deus particular. Também pode indicar que o deus *Šiu* fosse um deus único ou principal, o que concordaria com a hipótese de Kryszat esboçada anteriormente. Isto pode indicar que ‘o nosso deus’ e ‘o deus deles’ fizesse referencia a um único deus venerado pelos hitianos. Assim Anitta, após ter conquistado Hatti, reconhece este deus *Šiu* como seu, para poder legitimar o seu poder real, o que viria ao encontro da proposta de Kryszat. Aceitando essa proposta, podemos dar-lhe maior consistência, se juntar-mos a hipótese de Lord Renfrew, para quem o berço do povo indo-europeu é na Anatólia¹⁸. Com essa hipótese adicional explicar-se-ia a antiguidade da própria palavra, associada ao mesmo conceito de deidade, mas que com o tempo pensou-se como o nome de um deus que por ser o principal não teria nome. A partir daí, parece surgir naturalmente a hipótese de um possível henoteísmo¹⁹, o qual seria prévio ao politeísmo que caracterizará o povo hitita. É claro que para poder aceitar estas hipóteses e responder a outras questões de forma adequada, faz-se necessário uma análise do problema religioso da Anatólia do segundo milénio, de forma mais extensiva do que aquela feita por Piotr Taracha²⁰. Ao mesmo tempo, seria conveniente desenvolver uma análise particular para tentar esclarecer de forma mais aguda o que caracteriza os deuses para os hititas, tentando em última análise responder à questão «O que é um deus?» para os hititas. Este tipo de análise tem sido feito de forma mais genérica no caso da Mesopotâmia, como por exemplo no livro editado por Porter²¹. Analogamente e com ajuda do material desenvolvido nele, teremos de fazer uma análise semelhante no caso hitita, com a dificuldade que implica o estudo do período mais antigo da língua e civilização hititas.

Responder a esses e a outros problemas apresentados neste estudo são os meus objectivos de investigação a desenvolver em futuros trabalhos*.

Notas

- (1) Corresponde a CTH 1, editado em NEU, *Der Anitta Text* e em Carruba, *Anittae res gestae*.
- (2) PATRI, *L'alignement syntaxique*, 90.
- (3) Atestada em KBo III 22 rev. 47, e correspondente a um nominativo singular. Para detalhes veja-se GESSEL, *Onomasticon*, p. 407.
- (4) CHANTRAINE, *Dictionnaire Étymologique*, p. 399.
- (5) KLOEKHORST, *Hittite Inherited Lexicon*, pp. 880-881.
- (6) GILAN, «Siu», in *Reallexikon der Assyriologie*, pp. 559-560.
- (7) Transliteração de KBo III 22 baseada na edição de Neu, *Der Anitta text*.
- (8) O uso do determinativo sumério DINGIR é complicado. É usado colocado em frente do nome de deuses, mas também pode ser colocado junto a nome de objectos deificados, objectos que tenham sido usado por deuses ou partes da natureza consideradas como divinas (rios, montanhas, árvores, etc). Uma interessante discussão tratando de precisar o uso de DINGIR é feita, em forma de entrevista, em PORTER, *What is a God?*, 204-6.
- (9) GILLAN, 'Siu' in *Reallexikon der Assyriologie*, p. 559.
- (10) NEU, o.c., 116-131.
- (11) KLOEKHORST, *Hittite Inherited Lexicon*, 763-766.
- (12) CARRUBA, o.c., 37.
- (13) TISCHLER, *Hethitisches etymologisches Glossar*, 1074-1079
- (14) STARKE, *Halmasuit im Anitta text*, 47-65
- (15) SINGER, «“Our god” and “their god”», 343-349
- (16) Ver linhas 39-40 da transliteração do texto neste artigo.
- (17) KRYSZAT, «Herrscher, Kult und Kulttradition...», 206.
- (18) RENFREW, *Archaeology & Language, the puzzle of Indo-European Origins*, London, 1987, pp. 75-98, onde ele discute o problema do lugar de origem dos indo-europeus.
- (19) Henoteísmo é por definição o crença num deus considerado, não como único, mas como o mais relevante, e algumas vezes o único merecedor de receber culto.
- (20) TARACHA, *Religions of second millennium Anatolia*, pp. 36-79.
- (21) PORTER, *What is a god?*

Agradeço à FCT que financiou a minha estadia na Alemanha no Lehrstuhl für Altorientalistik, Universität Würzburg, com verbas da bolsa SFRH/BPD/70292/2010. Agradeço também aos colegas do Lehrstuhl für Altorientalistik, Universität Würzburg e de forma especial a seu director, Prof. Dr. Daniel Schwemer, pelo apoio oferecido durante a minha estadia, na qual desenvolvi a investigação que parcialmente é apresentada neste artigo.

Bibliografia:

- Onofrio CARRUBA, *Anittae res gestae* (= StMed. 13), Pavia, 2003.
- Pierre CHANTRAINE, *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque*. Histoire de Mots, tome II, Paris, 1970.
- Ben H. L. van GESSEL, *Onomasticon of the Hittite Pantheon*. Part One, Leiden, 1998.
- A. GILAN, «Siu», in *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*, Berlin, 2011.
- Alwin KLOEKHORST (ed.), *Etymological Dictionary of the Hittite Inherited Lexicon* (Indo-European etymological dictionary 5), Leiden, 2008.
- G. KRYSZAT, «Herrscher, Kult und Kulttradition in Anatolien nach den Quellen aus den altassyrischen Handelskolonien - Teil 3/2: Grundlagen für eine neue Rekonstruktion der Geschichte Anatoliens und der assyrischen Handelskolonien in spätaltassyrischer Zeit II», *Altorientalische Forschungen (Schriften zur Geschichte und Kultur des Alten Orients)*, 35 (2008), 195-219.
- NEU, Erick, *Der Anitta Text* (= StBoT 18) (Wiesbaden, 1974).
- Barbara Nevling PORTER (ed.), *What is a god? Anthropomorphic and non-Anthropomorphic Aspects of Deity in Ancient Mesopotamia*, Winona Lake, 2009.
- Silvain PATRI, *L'Alignement syntaxique dans les langues indo-européennes d'Anatolie*, (=StBoT 49), Wiesbaden, 2007.
- Colin RENFREW, *Archaeology & Language, the puzzle of Indo-European Origins*, London, 1987.
- Itamar SINGER, «“Our god” and “their god” in the Anitta Text», in O. Carruba, M. Giorgieri and C. Mora (ed.), *Atti del II congresso internazionale di Hittitologia* (= StMed. 9), Pavia, 1995.
- Oğuz SOYSAL, «Philological Contributions to Hittian-Hittite Religion (I)», in *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, 8, 1, 2008, pp. 45-66.
- Frank STARKE, «Halmasuit im Anitta-Text und die hethitische Ideologie vom Königtum», *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, 69, 1979, 47-65.
- Piotr TARACHA, *Religions of second millennium Anatolia*, Wiesbaden, 2009.
- J. TISCHLER, *Hethitisches etymologisches Glossar*, S/2, 2006, 1073-1087.